

## **Divulgação científica no esporte: um debate sobre o doping e a imprensa no Brasil.<sup>1</sup>**

**AUTOR:** Luciano Victor Barros Maluly<sup>2</sup>

**Resumo:** A divulgação científica praticamente inexistente nos cadernos e programas esportivos do país. No momento de redefinição do jornalismo, este artigo possibilita um debate diante da informação destinada ao público praticante de atividades físicas e desportivas. Ao ampliar a cobertura sobre *doping* com dados sobre a saúde do atleta, o jornalismo auxilia a sociedade brasileira no combate um dos maiores vícios da atualidade.

**Palavras Chaves:** Jornalismo; esporte; doping; divulgação científica.

### **A prevenção**

*“Às vésperas do novo milênio, tentamos encontrar novas soluções econômicas, sociais e culturais para os problemas crescentes. Com o esporte não é diferente, é preciso superar a idéia de competitividade exagerada. A preocupação com a saúde, em contraposição com a anterior visão de aperfeiçoamento técnico que objetivava somente a vitória, talvez seja um desses sintomas.*

*Esperamos que esses profetas, de novos e melhores tempos para a humanidade, tenham razão e que, cada vez mais, afastem-se da idéia de vitória a qualquer custo e se aproximem de uma função maior, até agora pouco explorada, de efetivamente buscar o bem-estar físico e a integração social do indivíduo e de exprimir os sentimentos e a criatividade que cada homem, cada mulher, traz dentro de si - que só podem vir à tona através do movimento harmonioso do corpo e da cooperação de um ser humano com seu grupo social.”<sup>3</sup>*

O jornalismo relatou, nos últimos anos, diversos casos de *doping* no esporte, alguns protagonizados por personalidades do esporte mundial, caso do fundista canadense Ben Johnson, em 1992, nas Olimpíadas de Barcelona, na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esporte, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Luciano Victor Barros Maluly é doutor em Ciências da Comunicação pela Eca/Usp, mestre em Comunicação Social pela Umesp e graduado em Comunicação Social – jornalismo – pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É docente da Universidade Anhembi-Morumbi e da Faap, além de professor conferencista na Eca/Usp. E-MAIL: lumaluly@uol.com.br

<sup>3</sup> SILVA, E.C. *Século 20, o século dos Esportes*. São Paulo: Revista do Sesi, 05/1998, p. 66.

Espanha, e do jogador argentino Diego Armando Maradona, na Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994. No Brasil, alguns atletas foram flagrados utilizando substâncias proibidas, casos do nadador Hugo Dupré e dos jogadores de futebol Dinei, Fábio Augusto e Júnior Baiano, na época, respectivamente, atletas do Coritiba (PR), Corinthians (SP) e Vasco da Gama (RJ), sendo ambos os casos ocorridos em 1997, entre outros já citados.

Os diversos veículos de comunicação do Brasil divulgaram os fatos relacionados ao *doping*, mas também associaram a droga com a obtenção de resultados positivos, enfim, a vitória na carreira profissional de um atleta. O perigo é que jovens atletas amadores e semiprofissionais poderiam estimular-se, com as notícias, a consumir substâncias dopantes para aumentar o rendimento e o desenvolvimento biomecânico com a finalidade de conseguir resultados antes impossíveis dentro de uma determinada competição. O fisiologista Paulo Sérgio Martino Zogaib, mestre em fisiologia do Exercício e professor da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (UFSP), defende uma cultura preventiva na luta contra o doping.

*“Por que não fazer o exame antidoping nas categorias menores. É importante cuidar da saúde das crianças. É muito difícil consertar o atleta quando ele já é profissional. Temos de criar uma cultura desde baixo, no mirim, no infantil, no infante-juvenil e assim por diante, para o atleta não ter problemas quando chegar no profissional”.*<sup>4</sup>

O uso de drogas para melhorar o desempenho não está limitado apenas aos atletas de elite. Em 1988, um estudo realizado nos Estados Unidos da América com estudantes do colegial do sexo masculino relatou que 6,6% tinham usado ou estavam usando *esteróides anabólicos*. Essa porcentagem correspondia à cerca de 250 a 500 mil adolescentes usuários da substância. Em

<sup>4</sup> Entrevista exclusiva.

1993, o “Canadian Center for Drug-free Sport” estimou em 83 mil adolescentes entre onze e dezoito anos usavam *esteróides anabolizantes* nos doze meses anteriores ao estudo. Nesse mesmo ano, um estudo do Departamento de Saúde do Reino Unido estimou que 5% dos usuários de academia estavam rotineiramente usando *esteróides anabolizantes*. Um levantamento realizado em mil escolas do ensino fundamental sugere que os *esteróides anabolizantes* androgênicos são a terceira droga mais oferecida para as crianças do Reino Unido, sendo superada pela maconha e as anfetaminas.<sup>5</sup>

No Brasil, um estudo da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), coordenado pelo ortopedista do Centro de Traumatologia do Esporte da universidade, Fábio Augusto Caporrino, constatou que 26% dos praticantes de musculação de nove das principais academias de São Paulo consomem drogas ou suplementos alimentares esperando aumentar a massa muscular e a força, além de melhorar o desempenho. Das 247 entrevistas, 183 homens e 64 mulheres, apenas 6,1% disseram que usam as substâncias com prescrição médica e 23% que ingeriam suplementos alimentares com orientação nutricional. As principais drogas utilizadas são os *esteróides anabolizantes* (13,7%) e hormônio do crescimento e insulina (1,6%). A creatina, suplemento alimentar composto por aminoácidos e que proporciona aumento da massa muscular, é consumida por 22,7% dos usuários. Dos atletas de competição (7,3% dos entrevistados), 97% disseram que consumiam esteróides e ou hormônio do crescimento.<sup>6</sup>

Em outro levantamento, realizado pela pesquisadora Luciana Silvia Maria Franco Silva, orientada pela professora Regina Lúcia de Moraes Moreau, na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF/USP), com frequentadores de três grandes academias de São

---

<sup>5</sup> CASTILHO, E.G. *Critérios de positividade para a análise de Esteróides Anabólicos Androgênicos para GC/MS em urina de atletas* [Dissertação] São Paulo:FCF/USP, 2001.

<sup>6</sup> ARRUDA, E. *Pesquisa mostra números do doping em academias paulistas*. São Paulo:OESP,12/11/2000

Paulo, por meio da aplicação de um questionário de auto preenchimento, de forma voluntária e anônima, investigou o perfil de usuários de esteróides anabólicos androgênicos (EAA) quanto a frequência de treinamento muscular, uso de suplemento alimentar, motivação, tempo e modo dos EAA e conhecimento sobre os efeitos adversos do EAA.

De um total de 210 esportistas, 19% declararam que já haviam usado EAA. O perfil característico dos usuários foi: 1) homens, cuja faixa etária é de 25 a 29 anos; 2) praticam musculação há mais de dois anos; 3) são motivados pela melhoria de aparência; 4) são consumidores de suplementos alimentares, principalmente proteínas; 5) têm acesso aos EAA preferencialmente por meio de outro praticante ou em farmácias, sem receita médica; 6) utilizam predominantemente *estanozolol* e *nandrolona*; 7) utilizam dois esteróides por período e fazem dois ciclos por ano; 8) associam principalmente *efedrina* e *clenbuterol*; 9) consideram possível prevenir os efeitos adversos com acompanhamento médico e uso de outros produtos.

Os efeitos adversos mais relatados foram o aumento de apetite sexual, a alteração do humor/aumento da agressividade, o aparecimento de acne e a ginecomastia. Segundo os pesquisadores, os dados podem indicar o ponto de partida para o planejamento de programas de prevenção e educação dirigidos a esta população específica.<sup>7</sup>

A notícia em si estimula ainda mais o indivíduo com limitação física e/ou mental, pois o mesmo pode vencer seus limites e conquistar a vitória e talvez até a fama caso utilize drogas estimulantes. Ou seja, ao transmitir a informação enfatizando apenas e somente o lado esportivo e não o científico, os meios de comunicação aumentam o interesse da população sobre *doping*, estimulando assim o consumo de drogas.

---

<sup>7</sup> MOREAU, R.L.& SILVA, L.S.M.F. *Uso de Esteróides Anabólicos Androgênicos entre praticantes de musculação de grandes academias de São Paulo*. [PIBIC]. FCF/USP. São Paulo: Revista Brasileira de Toxicologia, 2001.

“A divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”.<sup>8</sup>

O jornalismo científico e o jornalismo esportivo se fundem quando o objetivo é esclarecer e informar o público em geral sobre os riscos da utilização de substâncias químicas e/ou naturais, consideradas como meio de *dopagem*. A mesma substância que estimula os atletas nas competições, pode trazer resultados “positivos”, como também acabar com a carreira de um atleta, tanto como competidor com uma punição ou mesmo com o nome execrado publicamente, ou com a própria vida com seqüelas decorrentes da ingestão de drogas proibidas.

A ciência contribui, há vários anos, para o rendimento no esporte. A medicina, a sociologia, a psicologia, entre outras atividades científicas caracterizam o conjunto de ciências que auxilia atletas de diversas modalidades esportivas. Por meio de um melhor condicionamento físico e mental, a ciência contribuiu e muito para a diminuição das contusões e o para o desenvolvimento da performance dos atletas durante as competições. Só que o consumo de drogas no esporte aumenta, sendo os meios de comunicação complacentes com essa tragédia da humanidade pela ausência de informações relacionadas à divulgação científica no âmbito do jornalismo esportivo.

Ao divulgar os fatos sobre o *dopagem* no esporte, o jornalismo apenas auxilia na compreensão do acontecimento, deixando em segundo plano a divulgação científica, ou seja, o caráter informativo da notícia, pois o tema em questão está ligado tanto ao jornalismo científico como ao jornalismo esportivo. Os efeitos biológicos do *doping* não chegam ao conhecimento do

---

<sup>8</sup> BUENO, W.C. *Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos*. In Série Pesquisa. São Paulo: Eca/Usp, 1985, 23.

leitor, porque, muitas vezes, o jornalista procura transmitir o fato imediato, relatando que tal atleta foi eliminado da competição, pois utilizou drogas (no caso, substâncias proibidas), prejudicou seu país, clube, empresa entre outros e é um “péssimo” exemplo para a sociedade.

### **A imagem**

Na cobertura sobre os casos de *doping*, os repórteres deixam de observar se o atleta já foi julgado pelo uso de substâncias proibidas ou mesmo se já esgotaram todas as instâncias na justiça desportiva; se o atleta foi suspenso previamente por suspeita de *doping* ou mesmo citado por algum órgão desportivo. O julgamento é perceptível de erro e pode prejudicar o atleta. Para o médico Eduardo Henrique de Rose, membro da Comissão Médica da Organização Desportiva Pan-americana (Odepa) e da Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional (Coi), os procedimentos são claros no processo sobre *doping* e podem ser divulgados, mas podem ocorrer falhas. *“O certificado de análise clínica do laboratório, ainda que evidencie a presença de uma substância proibida no fluido desse atleta não caracteriza doping porque não houve ainda um momento de julgamento das condições em que isso ocorreu e não houve ainda um momento de defesa do atleta em relação ao fato. Quando a comissão médica se pronuncia e diz: ‘Isto é doping’, ainda não é doping porque a Comissão Médica tem o poder apenas de emitir um parecer ou recomendação, mas não cabe a ela a decisão. Claro que a imprensa jamais vai saber a opinião da comissão médica, a menos que a federação divulgue porque se faz um documento por escrito sobre isso. A definição do caso positivo é dada pelo executivo da federação internacional ou confederação brasileira que rege esse atleta. Este é um parecer definitivo e o jornalista pode tranquilamente divulgar esse parecer antes da mostra B porque 99.000% a B vai ser igual a A, a menos que houvesse um erro muito grosseiro...Nós estamos falando de duas coisas, do processo e de como as pessoas conduzem o processo. Há uma separação. Mas o laboratório é*

*humano e pode fazer um erro, a comissão médica pode fazer um erro, comissão julgadora pode cometer um erro”.*<sup>9</sup>

Ele já é considerado culpado pela imprensa. O enfoque acaba sendo a punição ao atleta, o por quê da utilização de substâncias proibidas ou mesmo quais as vantagens que o esportista tirou em termos de conquistas (títulos, medalhas etc.). A evolução do atleta começa a ser ligada ao *doping*, ou seja, a performance dele aumentou em pouco tempo e suas conquistas devem-se ao uso de substâncias químicas. O jornalista tem de tomar cuidado em tornar público o julgamento do atleta, já que ainda caso ainda está sendo analisado. *“Todo controle de dopagem, desde a coleta do material até a divulgação dos resultados, é margeado pelo Coi e pela Fifa. Está no regulamento que, quando há o resultado da contraprova, o médico responsável oferece o resultado ao médico e ao presidente do clube em que o atleta está filiado. Quem faz a divulgação, normalmente, são as assessorias de imprensa. Assim, isso não é mais protegido pelo sigilo médico. O exame da contraprova é a prova de que naquela urina existia uma substância proibida para aquela competição”*,<sup>10</sup> explica o ortopedista e traumatologista, Fernando Antônio Gaia Solera, especialista em medicina esportiva, médico responsável pelo Controle de Dopagem da Federação Paulista de Futebol (FPF) e coordenador do Controle do Dopagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV).

O atleta acaba condenado antes do julgamento final pelo organismo responsável, acaba perdendo todo o respaldo do patrocinador, o respeito dos adversários e da própria sociedade que o condenou por ser “drogado”. A imagem do atleta estará manchada para sempre, mesmo que no final ele seja considerado inocente. A imprensa escrita, base de nosso estudo, algumas vezes, considerou atletas culpados. O enfoque de uma reportagem sobre *doping* seria o

---

<sup>9</sup> Entrevista exclusiva.

<sup>10</sup> Entrevista exclusiva.

esclarecimento do fato com o depoimento de todos os envolvidos, tendo implicitamente a discussão sobre a utilização de substâncias consideradas dopantes e o que essa utilização poderá trazer a todos aqueles que utilizam drogas. O depoimento dos atletas e de especialistas na área é defendido por Eduardo De Rose, mas com um alerta. *‘Obrigatoriamente o jornalista deveria ouvir os atletas em qualquer circunstância, e é importante ouvir alguns peritos. O problema é que no Brasil existem muitos peritos. Qualquer pessoa acha que entende. Eu, às vezes, vejo caso de doping com peritos dizendo aberrações. Se ele souber o que está falando, eu não vejo nenhum problema’*.<sup>11</sup>

### **A informação**

A divulgação científica deve estar presente nas páginas esportivas de todos os veículos de comunicação, informando sobre os possíveis riscos do *doping* tanto para os atletas como para o cidadão comum, pois um ídolo ao conquistar títulos por meio das drogas pode estimular o uso de substâncias proibidas em indivíduos que têm necessidade de aumentar o seu rendimento, pela ilusão da vitória ou do corpo perfeito.

A transmissão de uma informação clara sobre as substâncias químicas proibidas consideradas dopantes, caso dos hormônios, estimulantes (cocaína, caféina etc.), narcóticos e anabólicos (*esteróides anabolizantes*), e de outras com certas restrições, como álcool, maconha, anestésicos locais, corticosteróides e bloqueadores  $\beta$ -adrenérgicos, auxiliaria na diminuição do consumo de drogas no esporte e na própria sociedade.

*“A dopagem não está restrita apenas ao esporte, mas também é um problema de saúde pública”*, afirma Eduardo De Rose. A informação jornalística sobre *doping* não está restrita apenas ao esporte de competição, aos

<sup>11</sup> Entrevista exclusiva.



atletas, mas também, ao cidadão comum, que pratica esporte como meio de saúde, estética e lazer.

A prestação de serviços é uma máxima no jornalismo e também no jornalismo científico e esportivo. Não adianta fazer divulgação científica se o público em geral desconhece os termos técnicos utilizados na saúde. O especialista e mesmo o jornalista devem se precaver diante do desconhecimento dos medicamentos que caracterizam a *dopagem*. Segundo o fisiologista Renato Lotufo, a imprensa deveria ampliar o espaço para a divulgação científica e para os profissionais da área de saúde, além de alertar sobre o problema das fontes. *“A imprensa deve procurar pessoas que realmente tenham a formação para esclarecer a população. Levar profissionais gabaritados e dar um espaço maior na mídia para que essas pessoas possam orientar a população sobre todas os riscos e eventuais benefícios que elas procuram e quais as alternativas para fazer uma atividade física com saúde e que busque os resultados pretendidos através de métodos que realmente tragam para eles benefícios e uma melhor qualidade de vida.”*<sup>12</sup>

A informação sobre drogas está restrita, no Brasil, aos maços de cigarros e a imprensa trata a droga como algo comum à sociedade. O que o público conhece sobre *esteróides anabolizantes*, ou mesmo sobre cocaína, caféina e maconha, drogas tão utilizadas em nossa sociedade? Quais seus prejuízos e mesmo benefícios à saúde do atleta e do cidadão comum que pratica esportes nas academias, parques ou em casa?

O texto de divulgação científica no esporte é uma tentativa de levar ao público em geral informação claras e precisas sobre os riscos da ministração de drogas pelos atletas e pela sociedade. Profissionais da área da saúde, como farmacêuticos, médicos, preparadores físicos e pesquisadores trabalhariam

<sup>12</sup> Entrevista exclusiva.

junto com o jornalista informando sobre os problemas do consumo de substâncias químicas proibidas. A divulgação científica nas páginas esportivas ampliaria o conceito de *dopagem* por trabalhar genericamente, um conceito antes restrito a áreas do campo da saúde . O jornalista e advogado especializado em direito esportivo, João Zanforlim, defende uma participação maior de especialistas na imprensa tanto como na fase de julgamento do atleta, como para exemplificar sobre os efeitos do *doping*. “É fundamental entrevistar o médico responsável pela coleta, o responsável pelo laboratório que fez o exame e um especialista, um médico, por exemplo, que explique os efeitos de determinada droga no atleta. São matérias técnicas, periciais. Aí sim o jornalismo dará uma grande contribuição para a informação sobre o *doping*.”<sup>13</sup>

A informação sobre *dopagem* é uma obrigação de todos e não só da imprensa, mas é a partir dela que os termos técnicos podem ser esclarecidos e divulgados, chegando assim a fazer parte do cotidiano. Para o doutor em toxicologia e professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Usp e diretor do Laboratório de Análise Toxicológicas (FBC/Usp), Ovandir Silva, o papel da imprensa é essencial para a divulgação científica e também como auxílio aos especialistas. “Nós, os especialistas, ficamos muito na parte técnico-científica de divulgação em congressos científicos e de escrever artigos e não chegamos ao grande público. Porém, a imprensa pode informar, transferir o conhecimento científico de forma que o público possa absorver e entender.”<sup>14</sup>

A matéria sobre um caso de *dopagem* por cocaína, como no caso Maradona, em 1994, na Copa do Mundo dos Estados Unidos, ou de analgésicos, no caso Ronaldinho em 1998, na final da Copa do Mundo da

---

<sup>13</sup> Entrevista exclusiva.

<sup>14</sup> Entrevista exclusiva.

França ou mesmo de *esteróides anabolizantes*, no caso Ben Johnson, em 1988, na Olimpíada de Seul, torna-se incompleta quando o público desconhece o medicamento. Se a imprensa informa o fato, pode também fornecer dados e esclarecer sobre a substância que foi utilizada pelo atleta.

## BIBLIOGRAFIA

- BORIN, J. *A notícia e as suas versões, no espaço e no tempo dos grupos de pressão*. [Tese] São Paulo: ECA/Usp, 1981.
- BUENO, W.C. *Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos*. In Série Pesquisa. São Paulo: Eca/Usp, 1985.
- CASTAÑON RODRÍGUEZ, J. *El lenguaje periodístico del fútbol*. Vallolid: Secretariado de Publicaciones, Universidad, D.L. 1993.
- CASTILHO, E.G. *Critérios de positividade para a análise de Esteróides Anabólicos Androgênicos para GC/MS em urina de atletas* [Dissertação] São Paulo:FCF/USP, 2001.
- CHAPARRO, M. C. *Pragmática do Jornalismo - buscas práticas para .uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus,1994.
- FEDER, M.G ; CARDOSO.J.N & DE ROSE. E.H. *Informações sobre o uso de medicamentos no esporte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cob, 2000.
- FONSECA, O .J. A. *O cartola e o jornalista – influência da política clubística no jornalismo esportivo*. [Tese] São Paulo: Eca/Usp, 1981.
- GARNHAN, N. *Capitalism and communication - global culture and the economics of information*. London: Sage Ed. 1990.
- HELAL, R. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HERNANDO, M.C. *Periodismo científico*. Madrid: Paraninfo, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Teoria e prática do jornalismo científico*. São Paulo: Eca/Usp, 1978.
- HOHENBERG, J. *O jornalista profissional*. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.
- KUNCZIK, M. *Conceitos de Jornalismo: norte e sul - Manual de Comunicação*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEVER, J. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MAMOU, Y. *A culpa é da imprensa*. São Paulo: Marco Zero Editora, 1992.
- MEDINA, C.A. *Entrevista, diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- MIRANDA, L.S. *A saúde na imprensa brasileira*. [Dissertação] São Paulo: Eca/Usp, 2000.
- MORAN, E. *Cultura de massas no século XX ( O espírito do tempo – I – Neurose)*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Portugal: Publicações Europa-América, 1990.
- MUNIZ, S. & FERRARI M.H. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- OGA, S. *Fundamentos de toxicologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- POPPER, K. *O racionalismo crítico na política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SILVA, A. S. da. *Doping: aspectos penais*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1999.
- SILVA, O. *Dopagem no esporte: guia dos fármacos controlados*. São Paulo: Atheneu, 1999.
- TAMBUCCI, P. L. ; OLIVEIRA, J.G.M. e SOBRINHO, J.C. *Esporte & Jornalismo*. São Paulo: Cepeusp, 1997.
- TUCHMAN, G. *La producción de la noticia*. México: Gill, 1983.
- URABAYEN, M. *Estructura de la información periodística – Concepto y método*. Barcelona: Mitre, 1988
- VAN DIJK, T.A . *La ciencia del texto*. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1983.
- \_\_\_\_\_. *La noticia como discurso – comprensión, estructura e producción de la información*. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1990.
- WEINEK, J. *Biologia no esporte*. São Paulo: Monole, 1991.

**Periódicos**

ARRUDA, E. *Pesquisa mostra números do doping em academias paulistas*. São Paulo: OESP, 12/11/2000

MOREAU, R. L. & SILVA, L.S.M.F. *Uso de Esteróides Anabólicos Androgênicos entre praticantes de musculação de grandes academias de São Paulo*. [PIBIC]. FCF/USP. São Paulo: Revista Brasileira de Toxicologia, 2001.

SILVA, E.C. *Século 20, o século dos Esportes*. São Paulo: Revista do Sesi, 05/1998.